REPRESENTAÇÕES FEMININAS COM BASE NAS OBRAS HOMÉRICAS: UMA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

FEMALE REPRESENTATIONS IN HOMERIC WORKS: A CONSTRUCTION OF IDENTITIES

Ariadne Borges Coelho,
Gabriel Fernandes do Nascimento Almeida

RESUMO
Com base nas epopeias homéricas, que iniciaram a literatura ocidental, e com os hinos que o poeta deixou em homenagem às deidades gregas, este artigo tem o intuito de entender como se deu a presença dessas obras na construção das identidades femininas da Grécia Antiga. Ao fazer uso do gênero como categoria de análise e da Literatura Comparada, se analisou as deusas Atena, Ártemis, Afrodite e Hera, buscando-se trazer uma maior relevância para as identidades femininas gregas, que geralmente eram deixadas de lado. Elencando então os arquétipos que foram instituídos nessas divindades e os interpelando lado a lado com os papéis sociais das mulheres gregas, conclui-se que se transcreveu nas deusas os elementos mais significativos do que, em uma visão masculina, era uma mulher grega.
PALAVRAS CHAVES: Homero; Ilíada; Odisseia; Mulheridade; Identidade Feminina.

ABSTRACT
Based in homeric epic works, the beginning of occidental litterature, and with the hymns that the poet have left in honor of greek deities, this article aims to understand how the presence of these works have impacted the construction of female identities in Ancient Greece. Using gender as analysis category and Comparative Literature, it analysed the goddesses Athena, Ártemis, Aphrodite and Hera, looking to bring a major relevance to the greek female identities, which usually were set aside. Casting the archetypes that were put into these deities and approaching side by side with the role of greek women, concludes that the elements of what was a greek woman, in a male vision, were transcripted in these goddesses.
KEYWORDS: *Homer; Iliad; Odyssey; Womanhood; Female Identity.*

Homero é, até os dias de hoje, o nome mais citado quando se fala sobre cultura grega. Apresentando duas obras e 26 hinos, o poeta possibilitou a compreensão do panorama da grande acrópole, descrevendo suas guerras, divindades e territórios, abrindo os caminhos para a visão de mundo helênico.

Não se pode negar que a escrita homérica foi de grande importância para aquela sociedade. As histórias de A Ilíada e Odisseia perpetuavam no povo grego na forma de oratórias havia muito, mas foi Homero que as juntou e organizou, levando-as até os mais recônditos confins da Grécia. Como uma vez escreveu Platão, o poeta grego teve a oportunidade de educar os helênicos sobre sua história (PORTAL DA GRÉCIA ANTIGA, 2021). Por isso, esta pesquisa se baseia nas obras deixadas por ele para compreender como as subjetividades femininas se construíram naquele período, e como isso foi representado na literatura.

Muito se sabe sobre os mitos gregos a relevância das figuras masculinas, como Zeus, Poseidon e Héracles. Contudo, até recentemente, as mulheres não haviam sido amplamente divulgadas, e até mesmo as divindades femininas tinham permanecido

incógnitas. Além de uma beldade em um quadro de Botticelli, quem era Afrodite? Hera não era muito mais do que o arquétipo de uma madrasta malvada? Se até hoje a coruja ainda representa a inteligência, por que sabia-se tão pouco sobre Atena?

As divindades sempre foram o cerne da Grécia Antiga, e por essa razão, busca-se aqui entender como as identidades femininas, e consequentemente, seus papéis sociais foram moldados, partindo como ponto de análise as deusas gregas. Suas descrições em Ilíada, Odisseia e nos Hinos Homéricos, serão os alicerces bibliográficos da construção desta pesquisa.

O objetivo desta pesquisa nasce como a compreensão do impacto das obras de Homero no território helênico, de modo a configurar as subjetividades femininas, partindo da análise da representação das deusas gregas. Ao perscrutar o comportamento descrito dessas deusas sob a lente das visões femininas no arquipélago grego, será buscado interposições que estabeleçam uma relação, evidenciando ou não o efeito das obras homéricas. Portanto, visa-se estabelecer um limiar entre as responsabilidades das divindades masculinas e femininas; investigar a importância de seu culto; perceber os arquétipos que lhes foram designados; e relacionar esses elementos com o papel social das mulheres helênicas.

Falar de Homero é resumir todo o saber grego em um ponto só. O escritor traduzia o ponto de vista filosófico, social e religioso do povo grego, e, portanto, logo se tornou autoridade ao se falar desses assuntos, ao ponto de quem conhecesse suas obras, de cabeça, possua certo status (SNODGRASS, 2004; MOSSÉ, 1984).

Contudo, pouco se sabe sobre a figura de Homero em si. As informações biográficas do autor são tão relapsas, que levaram a muitos estudiosos confabularem sobre suas obras não terem sido obras dele, mas de uma série de poetas, justificando na variedade de estilos de escrita que o autor utilizou (JARDÉ, 1977).

Quando se fala de gênero em Homero tem-se, mais uma vez na história, um homem falando de mulheres. Uma soberania masculina é então notada, pois as mulheres, mesmo quando em locais de destaque, estão sob o jugo masculino. Porém, ao analisar-se as subjetividades femininas, deve-se levar em conta a multiplicidade dessas, em razão da Grécia Antiga não ser um território unânime, mas um compilado de cidades-estado, e tendo uma passagem histórica de tempo muito grande. Mas, como alguns pontos permearam todos os períodos, um levantamento pode ser realizado. A representação que Homero apresenta do feminino é bastante clara, trazendo os arquétipos femininos da inteligência, beleza, sensualidade, fidelidade e misticidade. Entretanto, isso não trouxe louvor às figuras femininas, pelo contrário, as colocou na posição de traiçoeiras e ardilosas, vistas aos olhos dos homens (SAIS, 2016).

Esse lugar de periculosidade nasce quando a mulher é descaracterizada enquanto pertencente à sociedade, em seus aspectos intelectuais e políticos, e inapta ao conhecimento, diferente do homem, senhor do saber. Ela era criada totalmente em função do casamento, que vinha para dignificá-la, exaltá-la. Passa a ser alguém a ser temida quando obtém, ou deseja obter, saber sobre algo que foge do ambiente doméstico. Isso se mostra desde a Teogonia grega, com Pandora sendo a culpada pelos males do mundo, apenas por sua curiosidade (CABALLERO, 1999; MARTINS ET AL, 2019).

Na religião, as deusas femininas tinham um impacto pouco maior do que as mortais. Em primeira instância, não há como falar de Grécia sem falar de religião. Moldada por suas crenças, que atuavam plenamente em suas variedades culturais, todas as cidades-estado adoravam aos olimpianos e às outras divindades. Nesse contexto, os deuses mantêm seu aspecto divino, mas também participam e moldam o

mundo, sendo seus maiores atuantes. Por isso, e pela falta de uma dependência da fé, o culto era primordial: era um meio de entrar em contato com o divino, pois tudo provinha deles. Os gregos não se separavam de suas divindades, o divino e o normal existiam no mesmo plano, o que transcreve a relevância de suas crenças para a sociedade (VERNANT, 2009).

Assim, ao se analisar as figuras femininas tidas como sagradas pelos povos helênicos, se está, então, buscando compreender os papéis de gênero na sociedade através do cunho religioso. Para compreender-se como se dá a relação entre homens e mulheres, estuda-se a presença do gênero no meio social, como o mundo se organiza em torno desses, quais suas atuações e como se lida com elas, recortando as atribuições e locais de cada sujeito, investigando assim como que a história e a cultura culminaram naquele amplo espectro de gênero (SCOTT, 1995).

Aqui, em consonância com os artigos que dissertam sobre gênero na atualmente, ao falhar sobre as mulheres, utiliza-se o termo mulheridade em detrimento de feminilidade. Partindo das análises de gênero construtivistas de Beauvoir e do conceito de performatividade de gênero de Butler, esse surge como uma crítica ao ideal de uma única mulher, regida por um sistema sexista e patriarcal. Dessa forma, ao contemplar a mulheridade, apresenta-se as mulheres como sujeitos construtivistas, singulares e múltiplos, externas à uma construção de gênero por um olhar masculinizante (ARRUDA, 2013; SOUSA, 2017). Com isso, visa-se enfatizar a construção das identidades femininas plurais, desenvolvidas de acordo com suas especificidades subjetivas.

Para compor a análise, foram escolhidas quatro divindades femininas, retiradas da Odisséia, Ilíada e dos Hinos Homéricos: Atena, Ártemis, Afrodite e Hera. Todas tinham uma relação direta com Zeus, e eram olimpianas. Cada uma apresenta no mínimo um hino em sua homenagem.

Para iniciar, Atena foi a escolhida, devido a disseminação um pouco maior de sua imagem. Homero traz, em seus hinos, sempre um aspecto temerário em relação à deusa, quando a apresenta no Hino Homérico 28 “Com sua lança afiada na mão e o Olimpo tremeu/ Fundo à visão da deidade dos olhos brilhantes”, e no Hino Homérico 11 “Dama terrível, amante com Ares dos feitos da guerra”(ANTUNES, 2015). Por se tratar de uma divindade guerreira e mesmo assim feminina, ela é rodeada tanto de admiração quanto de temor. Em todos os textos analisados, fica claro a sua proximidade a Zeus, parecendo se ressaltar até uma certa preferência. Correia e Porto (2013) afirmam que o escritor grego trabalha para deixar claro que Zeus possuía um favoritismo arraigado pela deusa da sabedoria.

Outra característica bastante elencada é a dela ser extremamente bélica e inteligente, sempre com um tom de adoração. Na Odisseia, o modo como o autor inicia sua descrição deixa isso explícito “Tomou a brava lança, afiada com ponta de bronze, / 100 pesada, grande, robusta, com que subjuga filas de varões/ heróis contra quem tem rancor, a de pai ponderoso.” (HOMERO, 2018, vv. 99-101). Nas enunciações feitas no Canto I dessa mesma obra também (vv. 44, 80 e 156, por exemplo) seu nome é sempre sucedido pelo epíteto “olhos-de-coruja”, enfatizando seu caráter sábio.

Ressalta-se a questão de Atena não ter sido criança, surgindo já formada, com corpo de mulher. Isso revela sua capacidade intelectual avançada, sua capacidade de pensar para depois agir (SANTOS, 2015). Na Ilíada, no Canto VI, Atena é a mais temida dos deuses, tendo os troianos tentado apaziguá-la para terem uma chance na guerra:

> “[...] Heitor, encaminha-te à cidade e então instrua
> a mãe, tua e minha: que ela conduza anciãs

> ao templo de Atena olhos-de-coruja na acrópole
> e com o ferrolho abra as portas da sacra casa.
> O peplo que lhe parecer o mais gracioso e maior
> no palácio e que for aquele de que mais gosta,
> a esse ponha sobre os joelhos de Atena bela-juba
> e prometa-lhe que no templo sacrificará doze vacas
> novas, não domadas, esperando que a deusa se apiede
> da urbe, das esposas dos troianos e das crianças pequenas [...]"
> (HOMERO, 2018, Canto VI, vv. 86-95)

É importante comentar sobre o fato de a deusa ter desejado permanecer donzela por toda a eternidade, onde no hino número 28 em sua homenagem é tida como "Virgem augusta [...]" e "[...] donzela nascida de Zeus porta-égide!" (ANTUNES, 2015). Essa determinação em manter sua virgindade e jamais se deitar com alguém implicam na rejeição de Atena de dois elementos que marcavam a figura feminina, desde aquela época até os dias atuais: a sensualidade e a maternidade (CORREIA & PORTO, 2013).

Além de virgem, Atena traz a pureza de ser, a imaculabilidade. Todos os elementos em sua narrativa a afastam da humanidade, tornando-a quase a mais divina entre os divinos. A deusa da sabedoria e da guerra, diferente das demais, tinha sido gerada de forma extraordinária, sem gestação. Incorporava em uma figura feminina a belicosidade dos mais bravos guerreiros gregos, somatizando a binariedade masculina e feminina em uma só. Reflete ao mesmo tempo o espírito sangrento dos campos de batalha e tenacidade do tecer. Por isso, Atena constituía tanto a mais magnânima das divindades quanto o mais humano dos seres, gerando uma exaltação sem igual dentre os helênicos (PERREIRA, 2008).

Porém, mesmo sendo desenhada como uma deidade obstinada e de caráter forte, sua posição enquanto mulher é pontuada com firmeza, revelando uma subalternidade perante os homens, até para uma deusa. Além da repreensão de Zeus em a Odisseia "Minha filha, que palavra te escapou da cerca de dentes!" (HOMERO, 2018, Canto I verso 64), que expressa seu dever de se postar com educação e silêncio perante a autoridade masculina, o fato de que, mesmo sendo uma das divindades mais veneradas na Grécia Antiga, na Ilíada e na Odisseia, todas as vezes em que Atena aparece para aconselhar, repreender ou incitar algum homem, ela disfarça-se sob uma masculinidade, como no Canto 4, quando tenta fazer com que os troianos violem primeiro o pacto sacrificial: "Ela entrou na multidão troiana na forma de um varão,/ um filho de Antenor, o forte lanceiro Laódoco, [...]" (HOMERO, 2018, Canto IV vv. 86-87).

Ao passar para Ártemis, alguns elementos se repetem. Nos dois hinos em sua homenagem, Homero a descreve como "Virgem arqueira [...]" e "Virgem augusta [...]" (ANTUNES, 2015), frisando a importância da castidade nesse caso, sendo ela mais uma deusa donzela. Nota-se também nos hinos que Ártemis não possui uma presença passiva, sendo ela caçadora letal. "Saca o seu arco de ouro maciço, alegre ao caçar/ E suas flechas doridas atira. Estremecem-se os picos/ De altas montanhas e as matas cerradas ecoam com gritos/ Hórridos vindos das feras. A terra é tomada em tremor [...]" (ANTUNES, 2015). Dessa forma, a deusa apresenta, em consonância com Atena, a rejeição de seu caráter materno e sensual, e o abraçamento da belicosidade tão presente no espírito grego.

No canto 21, de A Ilíada, dois aspectos da deusa se clarificam, em seu confronto com o irmão, Apolo. Tanto sua face bucólica, sendo descrita como senhora dos animais, quanto sua face bélica, ao incentivar a luta do irmão com o grande Posêidon.

> A irmã criticou-o bastante, a senhora dos animais,
> Ártemis agreste, e fez um discurso insultante:
> ‘Foges, Age-de-Longe, e a vitória integral
> a Posêidon dirigiste e triunfo vazio lhe deste:
> infante, por que tens um arco inútil à toa?
> Que eu não te ouça mais, na morada do pai,
> te jactando, como antes, entre os deuses imortais,
> que irias pelejar mano a mano com Posêidon.’
> (HOMERO, 2018, Canto XXI vv. 470-477)

Hera se refere à Ártemis neste canto como “Verte-Setas”, fazendo apologia à sua maestria com arco, e depois a diz ter sido abençoada por Zeus ao dá-la habilidade na caça, mas que sem o arco, esta não seria nada.

> [...] ‘embora sejas porta-arco, pois a ti Zeus tornou leoa
> entre as mulheres e te concedeu matares quem quiseres.
> Sim, é melhor para ti matar feras nas montanhas
> e cervos agrestes que pelejar com mais fortes.’
> (HOMERO, 2018, Canto XXI vv. 483-486)

As aparições da deusa virgem no enredo reforçam seu papel trabalhado nos hinos, onde ela preza por sua castidade e pelo seu direito à caça. Trazem à tona seus ideais bélicos, onde ela parte para enfrentar os deuses adversários prontamente. Como dito por Borges (2008), Ártemis é a oposição perfeita de Afrodite, representando a troca da sensualidade e do vigor sexual pela vida agreste e pela castidade. Martini (2018) ressalta a ideia de que a deusa lunar traz a castidade como ressentimento para com os homens, devido ao sofrimento imposto pela rainha dos deuses à sua mãe, por causa da traição de Zeus para com essa. Dessa forma, a filha de Zeus com Leto se tornou letal e impiedosa para com seus inimigos. Braga (2007) traz então a ideia de que Ártemis surge como a libertação feminina da necessidade do homem, onde ela surge em um papel até então somente masculino, a caça, e usa suas habilidades nesse feitio para puni-los.

A virgindade de Ártemis lhe era cara e zelada com altos custos. Diversos homens e até mesmo deuses tentaram cobiçá-la e foram severamente punidos pela deusa. Aqui, a sua não-violação simboliza liberdade, não pertencimento. Ao não se deitar com ninguém, a deusa caçadora rejeitava as amarras opressoras do matrimônio. E ela não só as rejeita, como as repudia. Qualquer tentativa de afeto para com ela era seguida de tremenda violência, mostrando o quanto ela priorizava sua liberdade e tinha repulsa pelas correias de uma relação (PERREIRA, 2009).

Contudo, sua submissão e respeito pela hierarquia olimpiana ainda são notados, como quando após seu confronto com Hera, Ártemis corre para os pés do pai e se queixa sobre a esposa dele, nos versos 505 a 513.

Em contraponto às deusas donzelas mencionadas anteriormente, Afrodite é a completa fuga da castidade e do celibato. Os hinos homéricos à Afrodite diferem-se dos de Atena e Ártemis pois enquanto o das outras enaltecem suas capacidades e trazem esse teor de armas e guerra, a deusa da beleza e do amor é homenageada justamente por isso, por sua graciosidade e formosura. Homero coloca-a inclusive na posição de dama cobiçada, ao tratar “Elas levaram-na aos deuses eternos que a vendo a acolheram/ Dando-lhe as mãos e rogando poder conduzi-la pra casa/ Cada um dos deuses, na forma de sua legítima esposa, [...]” (ANTUNES, 2015).

Afrodite é a sensualidade, o desejo encarnado. A, até então desprezada, pulsão sexual brota nessa deusa de forma incomensurável, levando-a ser tida como

“senhora dos olhos furtivos, do doce que vence” pelo escritor grego. Desde sua origem, tendo nascido da espuma gerada pelos testículos castrados de Urano lançados ao mar, até sua história amorosa, onde ela se casa com Hefesto, que é desprovido de beleza e deficiente, e por não se sentir atraída pelo marido, busca conforto nos braços de Ares, o forte e imaculável deus da guerra, descrevem a deusa do amor como alguém volátil, sedutora e impulsiva, capaz de destruir a mente dos homens com suas paixões incandescentes (BORGES, 2008).

Em a Ilíada, no Canto 21, Afrodite resgata o amante após esse ter sido gravemente ferido por Atena, e isso só revela ainda mais sua incompatibilidade com os ideais de casamento, afinal seu marido havia ficado ao lado dos gregos, enquanto ela e o amante escolheram os troianos para apoiar.

> “Assim estivessem todos os que socorrem troianos
> quando combatem os argivos com armadura,
> tão audaciosos e ousados como Afrodite:
> veio como aliada de Ares e topou com meu ímpeto. [...]”
> (HOMERO, 2018, Canto XXI vv. 428-431)

Nota-se nesse trecho, onde Hera discursa após ter derrubado Afrodite, que se frisa que a deusa do amor não escolheu o lado dos troianos e em consequência, o lado de Ares. Ocorreu justamente o contrário, trazendo novamente o olhar sob sua natureza corruptiva.

Um elemento que é incontestável sobre essa deusa é a sua beleza esplendorosa. Tanto em seus hinos quanto em suas descrições nos poemas épicos, elementos que evocam beleza e graça a cercam. Porém, de frívola a beleza dessa dama não tem nada. Se trata de sua principal arma, uma artimanha afiada para conseguir o que quer, reforçando a noção que se tinha acerca da mulheridade na época, de uma figura astuta e perigosa (RAGUSA, 2001).

> Sua fala agitou o ânimo de Helena no peito;
> assim que percebeu o belíssimo pescoço da deusa,
> seu colo atraente e os olhos cintilantes,
> espantou-se e então nomeou-a [...]
> (HOMERO, 2018, Canto III, vv. 395-398)

Apesar de toda essa visão da letal Afrodite de esplendorosa beleza, a deusa apresenta um viés maternal que não se nota nas deusas donzelas. O afinco pelo qual ela luta e defende seus filhos une em Afrodite os lados femininos que Atena e Ártemis negaram: a mulher sensual e a mãe (PEREIRA, 2009).

No canto V da Ilíada, isso fica claro ao lutar com fervor para defender seu filho Eneias e acabar sendo brutalmente machucada por Diomedes:

> Lá Eneias, o senhor de varões, teria morrido
> se não tivesse pensado rápido a filha de Zeus, Afrodite,
> sua mãe, que o pariu de Anquises, pastor de gado.
> Em volta de seu caro filho, lançou os alvos braços
> e o encobriu com as dobras do peplo brilhante,
> bastião contra projéteis: que nenhum dânao potro-veloz
> lançasse bronze em seu peito e tirasse sua vida
> (HOMERO, 2018, Canto V vv. 311-317)

Por último, tem-se Hera, a rainha dos deuses. Esse título é importante de enfatizar, pois seu papel em todas as narrativas leva isso em conta, colocando-a em posição semelhante a Zeus. No hino em sua homenagem, Homero entoa: “Hera de trono dourado, nascida de Reia, é quem canto, / Régia entre os deuses eternos,

suprema na forma que tem./ Ela é irmã e esposa de Zeus, trovejante sonoro,/ A gloriosa a quem todos os deuses ditosos do Olimpo/ Magno veneram, até Zeus que tem seu deleite com raios." (ANTUNES, 2015). Nenhum hino antes havia idolatrado uma divindade como sua majestade, apenas as elogiavam por seus dotes ou feitios. Hera é venerada por ser quem ela é, soberana entre as divindades.

Sua esfera de domínio é de grande importância social, afinal ela era a deusa do casamento. Todavia, seu matrimônio não era dos melhores. Como dito no hino, ela era casada com Zeus, que tendia a ter diversos casos extraconjugais (ROBLES, 2006). Esse fato foi determinante para a personalidade da senhora do Olimpo, tornando-a alguém severa e ciumenta:

> "Que Deus, ó astuto, elaborou um plano contigo?
> Sempre te é caro, estando longe de mim,
> tomar decisões com ideias secretas; de modo algum
> ousas, sincero, dizer-me a palavra que pensas".
> (HOMERO, 2018, Canto I vv. 540-544)

De acordo com Cortês e Ferreira (2015), Hera não só é ardilosa, apresenta também uma firmeza e determinação sem igual, sendo na Ilíada, a mais letal apoiadora do lado grego. Seu ódio pelos troianos fica visível no Canto XX: "Pois vê, nós duas juramos diversos juramentos/ entre todos os imortais, eu e Palas Atena, / que nunca defenderíamos os troianos do dia danoso [...]" (HOMERO, 2018, Canto XX vv. 313-315). O fogo de sua vontade a leva a compactuar com Atena para acabar com os troianos, e até mesmo fazer com que o herói Diomedes fira o filho dela, Ares. Diferentemente do marido, que se mantém neutro perante a guerra, afinal ambos os lados o adoravam e veneravam de forma satisfatória, Hera assume sua total parcialidade para com os seus e chega até a tramar contra o senhor dos deuses para que o resultado viesse em seu favor.

> O peito de Hera, porém, não conteve a raiva e disse:
> "Terribilíssimo Cronida, que discurso falaste!
> Como queres tornar vãos e sem finalidade a pugna,
> o suor de meu esforço e a exaustão de meus cavalos
> quando reuni a tropa, dano para Príamo e seus filhos? [...]"
> (HOMERO, 2018, Canto IV vv. 24-28)

A senhora do Olimpo revela a importância das figuras femininas nas guerras gregas. Como a rainha em um jogo de xadrez, a deusa é determinante nos eventos que se decorreram, fazendo a balança mudar com seus ardis e tramoias. Ela é a perfeita demonstração da visão das esposas dos guerreiros, e como era função delas motivá-los, ou em alguns casos, podendo até mesmo enfraquecê-los (MARTINS ET AL., 2019).

> Então a soberana Hera de olhos bovinos cogitou
> como enganar a mente de Zeus porta-égide.
> Em seu ânimo, mostrou-se este o melhor desígnio:
> ela própria dirigir-se ao Ida após se arrumar bem,
> esperando que ele desejasse deitar-se em amor
> junto a seu corpo, e nele tranquilo e tépido sono
> verter nas pálpebras e no juízo astuto.
> (HOMERO, 2018, Canto XIV vv. 159-165)

Personifica-se então em Hera a insatisfação marital sofrida pelas esposas gregas. Tendo que se submeter ao marido, elas tinham de se submeter a qualquer tipo de infortúnio que o marido decidisse impô-las. Desta forma, a deusa do casamento

é respeitosa para com seu marido, mas usa de seu status, como esposa do deus dos deuses, para subjugar, afrontar e intimidar todo aquele que ousar enfrentá-la (MARTINS ET AL., 2019).

> [...] e, enraivecida, a respeitável consorte de Zeus
> provocou a Verte-Setas com palavras insultuosas:
> "Cadela petulante, como ousas me enfrentar?
> Em ímpeto, é difícil te opores a mim, [...]"
> (HOMERO, 2018, Canto XXI vv. 479-482)

Investigando profundamente, as deusas provaram ter mais aspectos humanos do que divinos. Isso diz completamente a respeito de como as identidades femininas eram vistas e entendidas sob uma ótica masculina, já que não havia permissões para as mulheres usarem sua voz livremente em determinados locais, já que seus papéis eram reservados à vida privada, em aspectos de saúde, acolhimento e cuidado (BOEHRINGER & SEBILLOTTE-CUCHET, 2015). A forma como se representou a mulheridade nas diversas narrativas gregas não foi aleatória e sem propósito. Como a maior parte das epopeias locais, Homero escreveu, de seu jeito e acrescentando seu toque pessoal, histórias orais e cantigas que veneravam e contavam os grandes feitos dos helênicos, portanto, ao relatar as figuras femininas, as imbuiu do papel social que as mulheres da Grécia Antiga possuíam. Cada divindade analisada apresenta um arquétipo, um pedaço dos femininos da época (DE ANDRADE, 2020).

A relação das deusas com o patrono do Olimpo, Zeus, é o elemento mais claro para exemplificar a importância da hierarquia grega. Para elas, Zeus era pai, marido ou irmão, mas sobretudo, senhor. Era a figura masculina portadora de autoridade, não por seu poder divino, mas por assumir esse papel socialmente. Ao compreender-se que o local designado à mulher era o lar, a casa, e que Zeus aparece, independente do grau de parentesco, como senhor da casa, percebe-se que não havia a menor possibilidade de um confronto real para com ele. Atena, Ártemis, Afrodite e Hera o respeitam em todos os momentos das obras, tratando-o de acordo com o que seu cargo demandava. A noção da mulher que zela por sua casa e respeita seu senhor aparece de forma translúcida sob esse aspecto das divindades femininas (CABALLERO, 1999).

O fato de todas as deusas terem histórias em que elas assolam meros mortais com seus poderes, os penalizando por coisas ínfimas, e ao comparar, nas obras analisadas, a selvageria, o comprometimento e a atuação das divindades nas epopeias, o caos provocado pelas deusas mulheres ser inquestionavelmente maior que pelos deuses homens, corrobora com a antiga noção que prevalecia entre os gregos de que a mulher era perigosa e deveria ser controlada, para não os prejudicar. Diversos mitos da época reforçam esse ponto, e Hera vem mostrar isso com exatidão, ao adormecer Zeus por uma pequena vantagem na batalha. Junto a isso vem Afrodite, descrita várias vezes como capaz de levar um homem à loucura, e mesmo assim era a mais cobiçada. Os gregos sempre afirmaram que as mulheres eram uma raça desgraçada, que destruiria os homens, mas com a qual eles eram incapazes de viver sem (MARTINS ET AL., 2019).

Com todos esses casos que não as trazem um jus positivo, ainda assim as deusas gregas elevam um aspecto magno na mulheridade grega. Semelhantes às senhoras de Esparta, que desfrutavam de uma maior liberdade junto aos homens, levando Aristóteles a até comentar que as mulheres quase ordenavam os homens, as olimpianas podiam fazer uso de sua voz no conselho dos deuses, mesmo não tendo a decisão final, e participavam ativamente dos conflitos militares em que seu povo se

metia. Ocupam, portanto, o papel social de senhoras, esposas do grande senhor, aquelas que governam em sua ausência (TÔRRES, 2001).

Não se pode negar que a Grécia Antiga era uma sociedade regida pelo patriarcado[1]. Porém, apesar de apresentar diferenças entre as diversas cidade-estados, nunca a mulher foi tida como incapaz. Pelo contrário, ao as temerem, lhe concediam o direito de terem poder, de serem capazes de algo. E esse arquétipo se consolida na caça de Ártemis, na sabedoria e na tecelagem de Atena, nos encantos e na feitiçaria de Afrodite e no discurso de Hera. As deusas traziam circunscritas em si as identidades femininas, submissas ao pai, hábeis, poderosas, e acima de tudo, perigosas (DINIZ, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Falar do feminino na Grécia Antiga é um debate que tem ganhado destaque atualmente. Afinal, para entender uma sociedade, deve-se compreender aqueles que nela viviam. Por muito tempo se teve somente homens dissertando sobre homens no território histórico-literário grego. Hoje, pode-se então falar sobre aquelas que por muito tempo ficaram escondidas.

Para conhecer como as feminilidades eram formadas no arquipélago grego, devia-se ir ao cerne do berço helênico, e na sociedade ocidental, nada marca mais a Grécia do que sua religião. Sendo amplamente politeístas e tendo uma cultura tão moldada por suas crenças, nada seria mais indicativo da organização social do que estudar as divindades que eram tão prestigiadas por esse povo.

Ao fazer o recorte da mulheridade no divino, levantou-se as deusas de maior relevância, que em suas descrições tivessem um verdadeiro impacto no cotidiano. Separando então Atena, Ártemis, Afrodite e Hera, esperava-se um compilado de atributos femininos presentes nas mortais.

A análise das deusas não só foge, como ultrapassa o esperado. Não se achou apenas uma movimentação das características femininas em personagens literárias. As divindades mulheres elucidaram a singularidade e a pluralidade do que é ser mulher na Grécia, apresentando diferentes modelos de mulheres em situações completamente diversas.

Apesar do jugo patriarcal sob o qual todas se submetem, cada deusa lida com as figuras masculinas e se porta diante delas de uma forma diferente. Tendo como o ícone detentor de respeito e admiração o pai, os demais homens não obtêm a mesma devoção em seu seio.

Hera se apresenta como a dona da casa, a senhora, a esposa fidedigna. É sua função zelar pela instituição marital, cuidando de seu esposo. Perante os olhos dele, ela é a cuidadora e forte mulher da casa. Ao se relacionar com os demais, a deusa usa sua autoridade como mulher do senhor para governar arduamente, exercendo sua autoridade e força com certa soberba.

Afrodite é a mulher dominada pelas paixões. Representa aqui o contrário de Hera, tendo ignorado o peso da relação matrimonial e se entregado aos amores da vida, levada não pela inteligência e trabalho duro de seu marido, mas pelos atributos frívolos de seu amante, como beleza e força. Além disso, traz a conotação da periculosidade da mulher bela, capaz de tirar a razão do homem mais são.

---

[1] O conceito de sociedade patriarcal se encaixa de forma anacrônica aqui, não sendo a mais certeira para explicar a sociedade daquele tempo. Na Grécia, a relação era de cuidado, onde o pai era responsável por cuidar e proteger as mulheres, e por isso respeitado. O termo, como usado nos dias de hoje, refere-se a um sistema de opressão que tosa as mulheres e privilegia o homem, desde que ele seja branco, heterossexual e cisgênero (AGUIAR, 2000; DINIZ, 2008).

Ártemis representa as mulheres que desprezam os homens, devido a traumas passados. Sendo autossuficiente e se cercando de jovens damas, essa divindade repudia os vínculos do matrimônio, e consequentemente da maternidade, e traz em seu cerne a semelhança com as moças da ilha de Lesbos, que buscavam sua liberdade afastadas da masculinidade.

Atena, por fim, traz em seu ser a imagem das mais idosas da Grécia. Dotadas de maior conhecimento, sábias sobre o mundo, já tendo abandonado o contato íntimo com um ser do sexo masculino, dominando artes domésticas com total independência, a deusa se revela como uma anciã, não tendo sido jamais infante.

Se achou dessa forma, nas deidades femininas gregas, a diversidade de papéis que as gregas assumiam. Sem romper com a hierarquia patriarcal, elas se fazem presentes na sociedade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Neuma. Patriarcado, sociedade e patrimonialismo. **Sociedade e estado**, v. 15, p. 303-330, 2000.

ANDRADE, Marta Mega de. Palavra de Mulher: sobre a “voz das mulheres” e a história grega antiga. **Revista Brasileira de História**, v. 40, p. 119-140, 2020.

ANTUNES, C. L. B. 26 Hinos Homéricos. Cadernos de Literatura em Tradução, [S. l.], n. 15, p. 13-24, 2015. DOI: 10.11606/issn.2359-5388.i15p13-24. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/clt/article/view/114362. Acesso em: 23 fev. 2021.

ARRUDA, Lina Alves. **Estratégias desconstrutivas: a crítica feminista da representação**. 2013. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

BORGES, Ana Carolina Sanches. Afrodite e Artemis: uma dialética em Eurípedes. **Revista do Sell**, v. 1, n. 1, 2008.

BRAGA, Diego. CONTEMPLAÇÃO DE ÁRTEMIS. **Revista Garrafa**, v. 5, n. 14.

Boehringer Sandra, Sebillotte-Cuchet Violaine, « Corps, sexualité et genre dans les mondes grec et romain », *Dialogues d'histoire ancienne*, 2015/Supplement14 (S 14), p. 83-108. DOI : 10.3917/dha.hs014.0083. URL : https://www.cairn.info/revue-dialogues-d-histoire-ancienne-2015-Supplement14-page-83.htm

CABALLERO, Cecília. A Gênese da Exclusão: o lugar da mulher na Grécia Antiga. **UFSC, Florianópolis, SC, Brasil**, v. 20, n. 38, 1999.

CÔRTES, Daynara Lorena Aragão; FERREIRA, Iasmim Santos. SOB O JUGO DA HÁBIL DE OLHOS BOVINOS: REPRESENTAÇÕES DA DEUSA HERA NA ILÍADA.

DINIZ, Leticia Costa et al. Expressões arquetípicas das deusas gregas nas mulheres de ontem e de hoje. 2008.

DOS SANTOS, Isabela Batista. A DEUSA TECELÃ DE DESTINOS: UMA LEITURA DA INTERFERÊNCIA DE ATENA NO DESTINO DO HERÓI ODISSEU.

HOMERO. Ilíada. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Ubu Editora, 2018.
_____. Odisseia. Tradução de Christian Werner. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

JARDE, A. A Grécia Antiga e a Vida Grega: Geografia, Historia, e Literatura, Artes, Religião, Vida Publica e Privada. São Paulo: Editora Pedagógica e Universitária, 1977.

MARTINI, Fátima Regina Sans. Virgem Ártemis: protetora e implacável. **Revista Interdisciplinar Internacional de Artes Visuais-Art&Sensorium**, v. 5, n. 2, p. 73-92, 2018.

MARTINS, Mariana Luana et al. GRÉCIA ANTIGA: A POSIÇÃO DA MULHER SOB A ÓTICA MASCULINA. **Anais do Seminário Científico do UNIFACIG**, n. 5, 2019.

MOSSÉ, C. A Grécia Arcaica de Homero a Ésquilo. Lisboa: Edições 70, 1984.

PEREIRA, Vera Lucia Crepaldi et al. As deusas gregas virgens face ao poder de Afrodite. 2009.

Ribeiro Jr., W.A. Homero, Ilíada e Odisseia. Portal Graecia Antiqua, São Carlos. URL :greciantiga.org/arquivo.asp?num=0261. Consulta: 31/07/2021.

PORTO, Vagner Carvalheiro; DE SOUZA CORREIA, Larissa. O simbolismo de Atena: o mito sob o olhar literário de Homero.

RAGUSA, Giuliana. Da castração à formação: a gênese de Afrodite na Teogonia. **Letras clássicas**, n. 5, p. 109-130, 2001.

ROBLES, Martha. Mulheres, mitos e deusas: o feminino através dos tempos. trad. William Lagos e Débora Dutra Vieira. São Paulo: Aleph, 2006.

SAIS, Lilian Amadei. **Mulheres de Homero: o caso das esposas da Odisseia**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & realidade**, v. 20, n. 2, 1995.

SNODGRASS, A. Homero e os Artistas. São Paulo: Odysseus editora, 2004.

SOUSA, Ematuir Teles de et al. Tensões sobre o sujeito do feminismo no contemporâneo: mulheres trans e o transfeminismo no discurso do feminismo radical. 2017.

TÔRRES, Moisés Romanazzi. Considerações sobre a condição da mulher na Grécia Clássica (sécs. V e IV aC). **Mirabilia: electronic journal of antiquity and middle ages**, n. 1, p. 48-55, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. O homem grego. 2009.